
VESTIBULARES VIDEOGRAVADOS EM LIBRAS ENTENDENDO ESSE PROCESSO PELA VIA DAS PROFESSORAS-COORDENADORAS

ENTRANCE EXAMINATIONS IN LIBRAS
UNDERSTANDING THIS PROCESS THROUGH THE
COORDINATING TEACHER

EXÁMENES DE INGRESO A LA UNIVERSIDAD VIDEOGRABADOS EN LIBRAS
ENTENDIENDO ESE PROCESO A TRAVÉS DE LAS
PROFESORAS COORDINADORAS

Luiz Renato Martins da Rocha¹; Cristina Broglia Feitosa de Lacerda²

RESUMO

Ao longo das últimas décadas, o número de matrículas na educação superior tem crescido exponencialmente no Brasil; consequentemente, o número de pessoas com deficiência presentes nessa modalidade de ensino também tem crescido substancialmente, até mais do que as pessoas sem deficiência – proporcionalmente. Nesse contexto, a pergunta norteadora que moveu a investigação sobre a educação superior para surdos e, de forma mais estrita, sobre vestibulares videogravados em Libras, pode ser traduzida da seguinte forma: o que nos dizem as professoras-coordenadoras dos vestibulares da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) sobre a videogravação dessas provas? O objetivo principal é compreender aspectos do vestibular em Língua Brasileira de Sinais (Libras) em suas nuances, para além da leitura dos editais. Para alcançar tal objetivo, lançamos mão da pesquisa qualitativa de natureza exploratória e descritiva e entrevista semiestruturada. Todas as entrevistas foram traduzidas e categorizadas, identificando divergências e convergências presentes nos depoimentos. Os resultados nos mostram que a tradução do vestibular para a Libras é um processo oneroso, porém, é unânime entre as professoras-coordenadoras o posicionamento pela manutenção desse tipo de vestibular e sua expansão para provas em escalas maiores.

PALAVRAS-CHAVE: Educação superior. Vestibular. Tradução e interpretação. Educação de surdos. Educação especial.

¹ Doutorando em Educação - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – São Carlos, SP - Brasil. Graduação em Pedagogia – Instituto Superior de Educação Alvorada Plus (ISEAP) – São Paulo, SP - Brasil. Professor da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) – Jacarezinho, PR - Brasil. E-mail: renatotils@uenp.edu.br

² Doutora em Educação – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas, SP – Brasil. Graduação em Fonoaudiologia – Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo, SP – Brasil. Professora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – São Carlos, SP – Brasil. E-mail: crisinalacerda@uol.com.br

ABSTRACT

Over the past decades, the number of enrollments in higher education has grown exponentially in Brazil; therefore, the number of people with disabilities in this level of education has also grown substantially, in proportion, even more than people without disabilities. In such context, the guiding question which moved this research on higher education for deaf people and, specifically, on video recorded examination in Libras, can be understood as follows: What do the coordinating teachers of the entrance examination of the Federal University of Santa Catarina (UFSC) and the Federal University of Santa Maria (UFSM) say about the video recording of these tests? Thus, in this study we aimed to understand aspects of the entrance examination in Libras (Brazilian Sign Language) in its particularities and in addition to reading the public notices. To achieve this objective, we used a qualitative research with exploratory and descriptive nature and semi-structured interviews. All interviews were translated and categorized in order to identify differences and similarities in the depositions. The results show that the translation of the entrance examination in Libras is a costly process, however, it is unanimous among the coordinating teachers their agreement with the maintenance of this kind of entrance examination and its expansion to larger scales tests.

KEYWORDS: Higher education. Entrance examinations. Translation and interpretation. Deaf education. Special education.

RESUMEN

A lo largo de las últimas décadas, el número de inscripciones en la educación superior ha crecido de manera exponencial en Brasil; como consecuencia, el número de personas con discapacidad presentes en esta modalidad de educación también ha aumentado considerablemente, incluso más que las personas sin discapacidad - proporcionalmente. En este contexto, la pregunta orientadora que mueve la investigación sobre la educación superior para sordos y, más estrictamente, sobre exámenes de ingreso a las universidades video grabados en Lengua Brasileña de Señales (LIBRAS), puede ser traducida de la siguiente forma: qué nos dicen las profesoras coordinadoras de los exámenes de ingreso a la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC) y de la Universidad Federal de Santa María (UFSM) sobre la video grabación de esos exámenes? El objetivo principal es entender aspectos de esos exámenes en Lengua Brasileña de Señales (LIBRAS) en sus matices, además de la lectura de los anuncios. Para lograr este objetivo, se parte de un estudio cualitativo exploratorio y descriptivo y entrevista estructurada. Todas las entrevistas fueron traducidas y categorizadas, identificando las diferencias y semejanzas presentes en los testimonios. Los resultados nos muestran que la traducción del examen a la lengua de señales es un proceso costoso, sin embargo, es unánime entre los docentes coordinadores, el posicionamiento por mantener este tipo de examen y su expansión a exámenes en gran escala.

PALABRAS CLAVE: Educación superior. Examen de ingreso a la universidad. Traducción e interpretación. Educación de sordos. Educación especial.

INTRODUÇÃO

O gerenciamento da educação superior no Brasil tem se pautado, sobretudo, no neoliberalismo, cujo objetivo primordial é a expansão dessa modalidade para fins da demanda mercadológica. Nesse contexto, as escolas devem “preparar indivíduos que, a partir da escolaridade básica bem-sucedida, sejam capazes de continuar a aprender e a incorporar novos conhecimentos que os mantenham menos vulneráveis aos processos de exclusão social” (AFONSO; ANTUNES, 2001, p. 91), contudo, esse nível de ensino tem predominantemente atendido aos interesses da iniciativa privada, nem sempre atenta às necessidades das minorias sociais.

A história das pessoas com deficiência aponta para o quanto estas foram marginalizadas do processo de escolarização, mantendo-se afastadas das universidades; além do que, por muitos anos, essas pessoas ocuparam majoritariamente cargos de trabalho braçal e, portanto, com baixa remuneração. Esse cenário vem mudando nos últimos anos, com políticas afirmativas em favor dessa parcela da população, que vislumbra cada vez mais sua chegada à educação superior, do qual antes estava alijada. Nos últimos 12 anos, as matrículas na educação superior, antes restritas à elite, cresceram cerca de 140,63%, passando de 3.036.113 em 2001 para 7.305.977 de matrículas em 2013, fruto de diversas políticas públicas visando a expansão dessa modalidade de ensino.

No entanto, ainda temos uma defasagem considerável quando considerada a população entre 18 e 24 anos na educação superior, pois dos 23.878.190 jovens (IBGE, 2010) brasileiros, cerca de 15,52% (MEC, 2013) apenas está na educação superior. Porém, a perspectiva é “elevar a taxa bruta de matrículas na educação superior para 50% (cinquenta por cento) e a taxa líquida para 33% (trinta e três por cento) da população de 18 (dezoito) a 24 (vinte e quatro) anos”, conforme apontado no Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2014). As metas são “ousadas” e demandarão ainda mais investimentos e políticas públicas para que, até 2020, sejam cumpridas.

Pelo exposto, é possível identificar um crescimento exponencial no número de matrículas, o que tem impactado fortemente a chegada das pessoas com deficiência à educação superior. Nos últimos dez anos, as pessoas com deficiência passaram de 5.078 matrículas em 2003 para 29.737 matrículas em 2013, um aumento de aproximadamente 485%, ou seja, três vezes superior às matrículas no cômputo geral. O Gráfico 1 ilustra tal expansão.

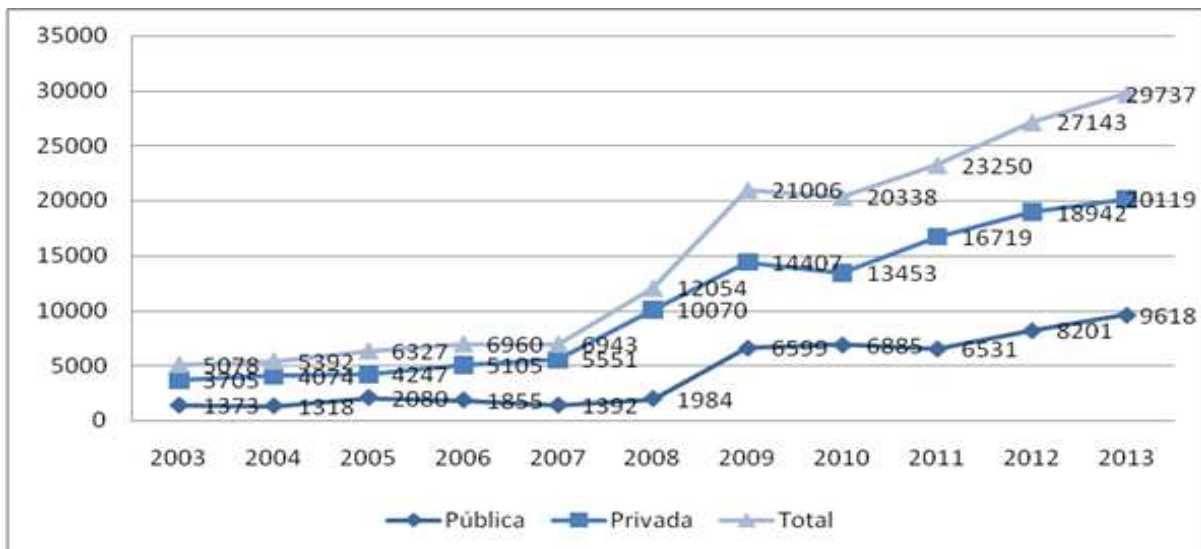


GRÁFICO 1 - Evolução no número de matrículas das pessoas com deficiência na educação superior (Brasil, 2003-2013)

Fonte: Censo de Educação Superior (BRASIL, 2013).

Apesar do crescimento exponencial da presença de pessoas com deficiência na educação superior, sua representatividade ainda é pequena. Das 7.305.977 matrículas em 2013, apenas 29.737 pessoas têm alguma deficiência, o que representa cerca de 0,4% das matrículas, índice bastante abaixo da média das pessoas com deficiência no Brasil, que, em 2010, chegou a 45.606.048 pessoas, ou seja, 23,9% da população, segundo o censo (IBGE, 2010). Assim, se houvesse uma proporção adequada, “as pessoas com deficiência no Ensino Superior deveriam ser representadas pelo mesmo número que representam na sociedade brasileira, ou seja, deveria haver em torno de 24% de estudantes universitários com algum tipo de deficiência” (ROCHA, 2015, p. 23).

Quanto às pessoas surdas, foco do presente artigo, também houve crescimento no acesso à educação superior, mais do que em relação às pessoas com deficiência no geral e, ainda maior quando comparadas com o total de matrículas na educação superior. De acordo com os dados do censo da educação superior (BRASIL, 2013), em 2003, havia zero surdos³ e 344 deficientes auditivos matriculados; já em 2013, havia 7.037 deficientes auditivos e 1.488 surdos, apontando para um aumento de surdos e deficientes auditivos de mais de 1.181,9%, conforme pode-se constatar no Gráfico 2. Este aumento foi duas vezes maior que o das pessoas com deficiência na educação superior.

³ Até 2006, o Censo da Educação Superior não fazia distinção entre surdos e deficientes auditivos, agrupando-os na categoria de deficientes auditivos, o que começa a ser mudado com a publicação do Decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005), modificando a forma de se cadastrar essa população (ROCHA, 2015, p. 25).

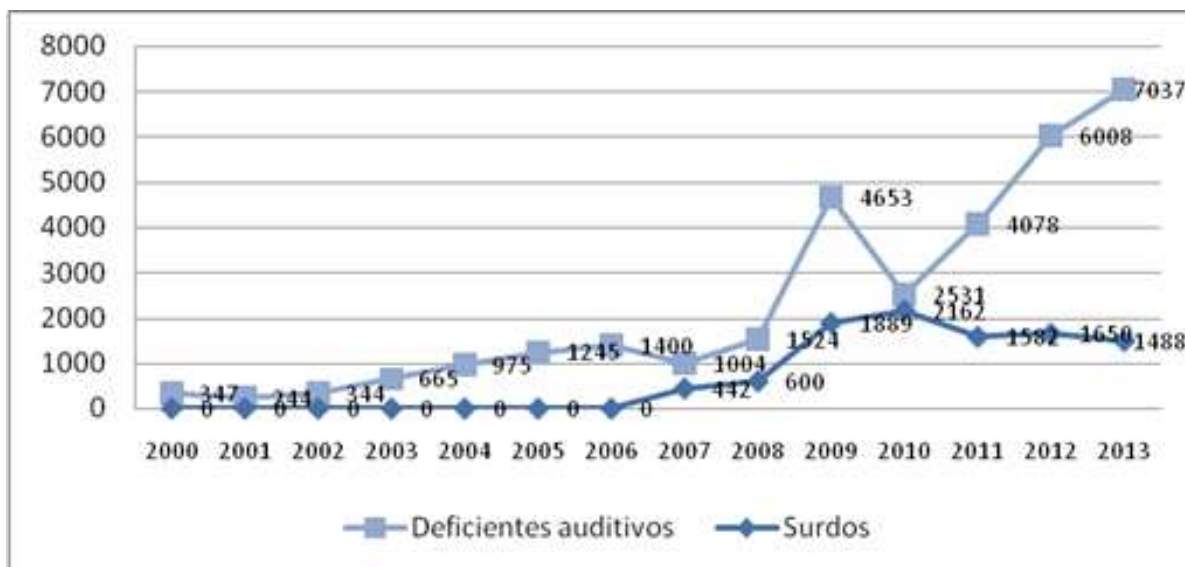


GRÁFICO 2 - Alunos matriculados na educação superior: surdos e deficientes auditivos (Brasil, 2000-2013)

Fonte: Censo de Educação Superior (BRASIL, 2013)

No gráfico 2, fica clara a distinção entre deficientes auditivos e surdos, dada a inclusão de uma “nova categoria” – a dos surdos pelo Censo, indicando que este público começa a ser entendido pelo MEC de forma diferenciada, a partir de sua condição bilíngue, como usuários de uma língua visuoespacial.

Apesar do grande crescimento do acesso de surdos à educação superior, há, ainda, uma grande lacuna a ser superada. As pessoas com deficiência auditiva estão mais bem representadas na educação superior do que as pessoas surdas, pois percentualmente, representam cerca de 0,09% e, se, agruparmos ambos em uma mesma categoria (como o IBGE faz), teremos que surdos e deficientes auditivos representam 0,11% das matrículas na educação superior, números bastante abaixo dos 9.750.000 surdos e deficientes auditivos existentes no Brasil – 5,1% da população brasileira (IBGE, 2010).

A partir dos índices apresentados (da evolução do número de matrículas de pessoas com e sem deficiência), nos interessou olhar de forma mais específica como vem ocorrendo o acesso de estudantes surdos às universidades federais que adotam a videogravação do vestibular para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Esse tipo de prova ainda é pouco conhecido e, no intuito de compreender melhor esses exames, focamos em duas universidades que possuem expertise na temática: Universidade Federal de Santa Mariana (UFMS) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O vestibular é uma espécie de catraca invisível, cujo fim é “averiguar quais candidatos estão aptos a cursar o nível escolar superior” (SATO, 2011, p.85), portanto, o

vestibular é um instrumento meritocrático, no qual se busca aferir os mais bem preparados para a universidade/curso escolhido, sendo, em alguns casos, bastante concorrido e motivo de acirradas disputas. Nesse sentido, a tradução do vestibular para a Libras deve ser minuciosa e ter o mínimo de falhas possíveis, pois um sinal mal executado ou realizado erroneamente pode induzir o candidato à perda de todo um ano de estudos. Assim, os vestibulares videogravados em Libras são poderosos instrumentos de inclusão, mas, também, uma arma quando não bem trabalhados e planejados.

Diante disso, a questão que nos moveu na busca do entendimento do vestibular videogravado em Libras pode assim ser traduzida: quais as impressões das professoras-coordenadoras dos vestibulares em Libras, no que tange às barreiras de acessibilidade (linguística, cultural e pedagógica) para a seleção à educação superior federal gratuito?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo é fruto de uma pesquisa realizada com surdos e ouvintes a respeito de suas impressões sobre vestibulares em Libras, resultado de uma dissertação de mestrado, defendida em 2015 no Programa de Pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), cujo aporte teórico fundamenta-se na perspectiva histórico-cultural, tendo como pano de fundo o materialismo dialético (ROCHA, 2015). Nesse contexto, o pesquisador não ficará neutro, contudo, será “ativo, reflexivo, que penetra na realidade do outro, a fim de investigar profundamente os elementos de sua análise, sendo a participação de ambos, pesquisador e entrevistado, motivo de reflexão e ressignificação de suas práticas” (ROCHA, 2015, p. 55).

A abordagem adotada é a qualitativa e o método escolhido é o descritivo e exploratório, haja vista, no Brasil, essa temática ser pouco tratada, buscando assim, “[...] as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2008, p.28).

Os procedimentos éticos para a realização da presente pesquisa foram devidamente seguidos e ela foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos – identificada pelo protocolo de código CAAE 33397314.3.0000.5504 e foi elaborada e aplicada de acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos e complementares (Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde).

Contextualização da pesquisa: universidades e sujeitos pesquisados

Para a compreensão dos vestibulares videogravados em Libras, nos deslocamos para duas universidades que, até o momento⁴ (2015), são as únicas universidades a realizar integralmente a videogravação de suas provas para a Libras: UFSM e UFSC.

A UFSM foi a instituição pioneira na videogravação do vestibular para a Libras e, ao longo da tradução dos seus seis vestibulares, atendeu mais de 80 candidatos surdos; já a UFSC realizou três videogravações do vestibular para a Libras e atendeu nessas edições 11 candidatos.

Na tabela a seguir apresentamos alguns dados e porcentagens da aprovação de surdos e ouvintes na UFSM, o que desperta nosso olhar para a alta taxa de surdos aprovados (maior que a de candidatos ouvintes).

TABELA 1 – Dados de inscritos ao vestibular da UFSM (2010-2014)

Ano do vestibular	Candidatos surdos	Surdos aprovados	% aprovação dos surdos	Número total de candidatos	Total de vagas disponíveis	Vagas preenchidas	% vagas preenchidas ¹
2010	15	3	20%	18.548	3.642	3.323	17,91%
2011	23 ²	3	34,78%	26.540	3.500	3.335	12,56%
Dezembro de 2011	---	5	34,78%	23.855	3.478	3.244	13,59%
2012	14	2	14,28%	26.776	4.375	...	16,33% ³
2013	21	7	33,33%	28.288	4.590	...	16,22% ³
2014	13	5	38,46%	26.764	4.666	...	17,43% ³

Fonte: Rocha, 2015, p. 64.

¹ A partir dos dados disponíveis quanto às vagas preenchidas em relação ao número total de candidatos, elaboramos a última coluna com as respectivas porcentagens. Porém, em alguns momentos a porcentagem foi calculada em virtude do número de vagas disponíveis no vestibular.

² Como a Coperves não disponibilizou a quantidade de surdos inscritos em cada um dos vestibulares de 2011, calculamos a porcentagem pela quantidade geral de surdos inscritos e de surdos aprovados (e não separando os vestibulares), por isso os valores são os mesmos.

³ O dado apresentado foi calculado a partir do total geral de vagas e não das vagas

⁴ Outras universidades já realizaram a videogravação integral ou parcial de suas provas, porém, findaram o processo por motivos desconhecidos pelos pesquisadores.

preenchidas/classificados, haja vista os pesquisadores não terem encontrado dados no site e nem a Coperves tê-los disponibilizado.

Já na Tabela 2, temos os dados de aprovação de surdos e ouvintes na UFSC, e nesta o índice de surdos está bem abaixo dos ouvintes aprovados. Destaca-se que na UFSC não houve surdos aprovados por meio do vestibular videogravado em Libras.

TABELA 2 – Dados de inscritos ao vestibular da UFSC (2013-2015)

Ano do Vestibular	Candidatos surdos	Surdos aprovados	% aprovação dos surdos	Número total de candidatos	Total de vagas disponíveis	Vagas preenchidas	% vagas preenchidas
2013	3	0	0%	36.503	6.031	5.690	15,58%
2014	4	0	0%	34.002	6.511	5.929	17,43%
2015	4	0	0%	33.416	6.511	5.028	15,04%

Fonte: Rocha, 2015, p. 64.

O índice de surdos aprovados na UFSM é bem superior ao da UFSC, fato para o qual levantamos as seguintes hipóteses: a existência de uma escola de Educação Básica bilíngue para surdos bastante tradicional na cidade de Santa Maria; o sistema de cotas adotado pela UFSM (Cota B, que destina 5% das vagas às pessoas com deficiência) (UFSM, 2015), e à probabilidade de a divulgação em Santa Maria ser mais eficiente, por ser uma cidade menor que Florianópolis, fluir com mais rapidez, de modo que mais surdos teriam tido acesso à informação (via diferentes redes sociais e conexão via internet) de que haveria o vestibular videogravado em Libras, além de ter maior tradição (5 anos realizando o vestibular em Libras).

Os sujeitos entrevistados foram duas professoras das respectivas universidades investigadas: uma, mestre em Educação, com mais de seis anos de experiência na educação superior e que coordena o vestibular da UFSM desde sua primeira edição, e a outra, doutora em Linguística e Letras e atua na educação superior há mais 13 anos e é coordenadora do vestibular desde sua implementação na UFSC. Nominaremos nos resultados e discussões de PC-UFSM a professora-coordenadora do vestibular da UFSM e PC-UFSC a professora-coordenadora do vestibular da UFSC.

Coleta e preparação dos dados, análise e interpretação

Para a coleta de dados, realizamos entrevista semiestruturada com um roteiro previamente elaborado em uma vertente histórico-cultural, assim, buscamos junto às professoras-coordenadoras dos vestibulares videogravados em Libras: “informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes” (GIL, 1994, p.113).

A professora-coordenadora do vestibular da UFSM foi entrevistada presencialmente por um dos pesquisadores, na cidade de Santa Maria, sendo a entrevista (áudio) gravada por meio do celular. A professora-coordenadora da UFSC foi entrevistada à distância, por meio da ferramenta Skype⁵, haja vista ser essa a melhor forma que ambos encontraram para a realização da entrevista (já que a professora tinha uma agenda bastante apertada). Destaca-se que essa ferramenta vem sendo muito utilizada no meio acadêmico, pois, apesar de estar “longe de se constituir em uma situação de copresença física imediata”, oferece uma “interação mediada tecnologicamente na qual os interagentes podem ver suas imagens e ouvir suas vozes simultaneamente” (BRAGA; GASTALDO, 2012, p.17).

Após realizadas as entrevistas, transcrevemos todas da Língua Portuguesa oral para a Língua Portuguesa escrita; e depois de várias leituras e releituras das transcrições realizadas, organizamos as falas por categorias temáticas, pois, “[...] [as categorizações] favorecem reflexão e conhecimento mais aprofundado acerca daquilo que está sendo investigado” (LACERDA, 2003, p. 5). Tais categorias estão diretamente relacionadas ao nosso problema de pesquisa inicialmente traçado.

Após a categorização das falas, buscamos em nosso referencial teórico aporte para a interpretação destas, visando “aspectos descritivos, explicativos e de reflexão presentes nos depoimentos” (LACERDA, 2003, p. 9). Apresentamos a seguir os resultados e discussões que emergiram das entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os vestibulares videogravados em Libras ainda são muito recentes e raridade nas universidades brasileiras – a primeira instituição a realizar a tradução de sua prova para a Libras foi a UFSM em 2010. A UFSC começou a videogravação em Libras em 2013, de seu vestibular para os cursos presenciais, porém, já vinha realizando a “tradução” do vestibular à distância do curso de Letras-Libras, cuja prova “é feita a partir da Libras, muito mais que uma tradução” (PC-UFSC). Essa prova (para o curso Letras-Libras à distância) não é nosso foco de pesquisa, pois é elaborada e planejada a partir da Libras, composta de “20 questões objetivas sobre Libras, formuladas em Libras, e 10 questões objetivas sobre língua portuguesa, formuladas em língua portuguesa” (ROCHA, 2015, p. 33). Interessa-nos pesquisar a tradução de vestibulares previamente elaborados em Língua Portuguesa e que posteriormente são vertidos para a Libras, para, assim, tecer considerações a respeito desse processo tão complexo e pouco difundido no Brasil.

⁵ Software que permite que seja enviado e recebido mensagens instantâneas, vídeo e voz.

As provas videogravadas em Libras da UFSC estão disponibilizadas em seu portal⁶; já na UFSM, as provas não são disponibilizadas. Segundo a professora-coordenadora, as imagens dos tradutores são vendidas à Coperves, que tem autonomia na liberação ou não das imagens. Para ela, “não há demanda para tal, pois se os surdos solicitarem, talvez seja, sim, seja colocado” (PC-UFSM).

Nas entrevistas, encontramos alguns pontos de convergência e outros de divergência em relação ao relato das entrevistadas. A seguir apresentamos aspectos gerais, semelhanças e diferenças nas provas, buscando compreender o processo de videogravação do vestibular.

Tradutores da prova

Os tradutores da prova são parte essencial do processo de videogravação, pois deles e das questões técnicas depende o bom ou mau desempenho do candidato. Cada universidade conta com um quadro de intérpretes e tradutores de Libras efetivos e a coordenação dos vestibulares tem optado por utilizar seus serviços, por já conhecerem o trabalho; assim, fazem as contratações, majoritariamente pela afinidade/competência entre professores-coordenadores e tradutores (surdos e ouvintes-professores).

Na UFSM, a equipe é dividida por área de conhecimento e afinidade, de acordo com os eixos da prova. Os tradutores-intérpretes de Libras (TILS) “têm formação na área de Exatas, da área da Biologia, da Geografia, aí a gente divide por área de especialização, os tradutores que têm mais condições na área de Exatas sempre fazem na área de Exatas” (PC-UFSM). Na UFSC ocorre o mesmo e os tradutores também são divididos “por área de conhecimento” (PC-UFSC).

A tradução de acordo com as afinidades individuais de cada um é de extrema importância, pois “[...] o trabalho de interpretação não pode ser visto, apenas, como um trabalho linguístico. É necessário que se considere a esfera cultural e social na qual o discurso está sendo enunciado” (LACERDA, 2009, p. 21). Portanto, o domínio do tema e a imersão do TILS na temática é de suma importância para que se alcancem de fato os sentidos pretendidos de uma para outra língua.

Outro elemento apontado nas entrevistas é concernente às estratégias que os tradutores vão adotando com o passar do tempo, já que não existe, de acordo com a PC-UFSC, “uma única forma [de interpretar], pois isso depende muito do tradutor; o tradutor tem suas preferências de como produzir o texto final em Libras, na hora da filmagem; isso a gente foi aprendendo ao longo desses três anos”. A experiência que os tradutores vêm

⁶ As provas videogravadas em Libras da UFSC podem ser acessadas em <http://coperve.ufsc.br/vestibulares-antteriores>. Acesso em: 14 mar. 2016.

adquirindo também é um fator positivo, pois a o processo vai sendo gradualmente refinado, de forma a atender melhor os candidatos surdos a cada ano.

Revisão da prova

A revisão da prova é uma temática pouco divulgada, primeiro por uma questão de sigilo, segundo porque não é evidenciada como uma regra, a revisão não está sempre explícita nas publicações oficiais (editais, resoluções e outros) da universidade.

Na UFSC a revisão é realizada por tradutores independentes, ou seja, que não colaboram diretamente com a tradução da prova, além disso, realizam uma revisão final, que é vista por um grupo de surdos convidados a fazer a prova (antes de o vestibular ocorrer oficialmente), desde que não tenham envolvimento algum com a prova ou parentes que a farão: “eles fazem uma apreciação geral da prova, daí ela está considerada pronta para ir para a reprodução” (PC-UFSC). O que se espera neste processo são contribuições para o refinamento da prova enunciada em Libras.

Na UFSM, a revisão é realizada pelos próprios tradutores que trabalham na prova, ou seja, enquanto gravam as questões, também se avaliam entre si – um vê e analisa o que o outro faz, em uma troca entre tradutores e revisores. “Por exemplo, eu tenho 70 questões para gravar e 30 para supervisionar; o outro tem 30 questões para gravar e 70 para supervisionar. Tem pessoas que se sentem mais à vontade supervisionando e outras que preferem a gravação” (PC-UFSM).

Contato com o professor elaborador da prova

Outro ponto bastante interessante e que pouco se comenta quando tratamos sobre a tradução de questões para a Libras, porém, de fundamental importância, é o contato dos tradutores com os professores elaboradores das questões.

Na UFSM, o contato entre o professor que elabora as questões para o vestibular e os tradutores da prova, ocorre de maneira mais próxima que na UFSC, pois, quando os tradutores dão início à tradução e surgem dúvidas quanto à tradução de termos e/ou dúvidas do contexto da situação problema a ser interpretada, a comissão do vestibular chama o professor elaborador da questão e ambos (professor e tradutor) são postos em diálogo. Assim, esclarece a PC-UFSM, “a gente meio que fazia uma glosa vocal. ‘Ó, professor, a gente está falando ‘pó preto’... e tal, ele dizia: ‘Tranquilo’ ou, ‘Olha, acho que vocês estão explicando’”.

Na UFSC, esse ponto foi pouco evidenciado nas entrevistas, porém, a PC-UFSC informou que, quando necessário, os tradutores “entram em contato com o professor elaborador”.

Língua estrangeira: traduzir ou não?

Quanto à opção de traduzir as questões de língua estrangeira, há diferenças bastante interessantes, porém, a opção de ambas é por não traduzir.

Na UFSC, o edital estabelece que, quando o aluno opta pela prova em Libras, necessariamente sua segunda língua deve ser o Português e, nesse caso, “A língua estrangeira é uma opção, ela está organizada para ser avaliada na própria língua; o português como segunda língua não é traduzido também, nenhuma língua estrangeira é traduzida” (PC-UFSC). De acordo com a professora-coordenadora, o objetivo da realização da prova em segunda língua é justamente poder avaliar os conhecimentos do candidato naquela dada língua e não traduzir para avaliar conteúdo, pois isso já ocorre durante todo o processo de seleção.

Na UFSM, a língua estrangeira, mesmo que dos candidatos surdos, deve ser uma das seguintes: Alemão, Espanhol, Francês, Inglês ou Italiano, ou seja, todas as palavras postas em uma dessas línguas não são traduzidas, porém, tudo o que está posto em Português, sim. “Por exemplo: O que significa a palavra ‘dog’?, e são dadas as assertivas em sinais. Ou seja, a única palavra em inglês é ‘dog’. Fazemos o seguinte agora: ‘O que significa tal palavra?’, nós apontamos e vem ela escrita na tela [...]” (PC-UFSM). Nessa perspectiva, a PC-UFSM esclarece que na maioria das vezes “o texto está em Inglês, mas o enunciado está na LP”.

Redação: (des)encontros

Em ambas as universidades, a temática da prova de redação já foi bastante discutida, porém, sem resultados conclusivos; desse modo, elas continuam a realizar a redação em formato tradicional, focalizando a escrita em língua portuguesa.

A UFSM e a UFSC já tentaram por várias vezes a substituição da língua portuguesa pela videogravação, porém, esbarraram em questões legais, pois não há nada que regulamente tal substituição. Além disso, a operacionalização do processo de videogravação é complexa, pois é necessária uma estrutura de estúdios e equipe técnica a fim de que sejam gravadas as redações, o que elevaria muito os custos do processo.

Nesse sentido, como forma de justificar a redação videogravada em Libras, esclarece a PC-UFSC que a “redação é bem no sentido de ver se o aluno tem condições de articular conhecimento com relação a um determinado assunto e, no caso dos surdos, o processo de avaliação é específico”. Tal avaliação não tem por fim a verificação e o “mau uso de preposições, mau uso de elementos de ligação, porque é muito típico de candidatos surdos terem problemas como características de segunda língua”, mas sim, avaliar se eles

conseguem falar sobre “determinado assunto, mantendo uma coerência; o foco vai mais na coerência do que na coesão” (PC-UFSC).

Importante ressaltar que, tanto na UFSC como na UFSM, a redação é avaliada com características de segunda língua e possui critérios diferenciados para esse público alvo. No manual do candidato da UFSM, há os critérios que são utilizados para a correção da prova (UFSM, 2015), especificando o valor da nota para cada um dos quesitos da redação; já na página da internet da UFSC, não encontramos os critérios de avaliação da redação para as pessoas surdas.

Sumarização da prova em Libras: (im)possibilidades

Os sumários que comumente fazem parte de dissertações, teses e outros trabalhos acadêmicos, são colocados (e em alguns casos obrigatórios) com o fim de organizar e facilitar a busca do leitor por determinado conteúdo, além do que, possibilitam a oportunidade de conhecer a estrutura, de forma superficial, de todo o trabalho em pouco tempo.

A sumarização de uma prova em Libras é algo complexo, pois estamos nos reportando a uma língua visuoespacial. Na UFSM, “cada aluno tem seu computador e sua prova, com a liberdade de ir e voltar quantas vezes se faça necessário. Não tem sumário, mas em cima da prova tem escrito Língua Portuguesa ou Matemática e assim por diante, pois assim difere bastante” (PC-UFSM).

Na UFSC o processo de sumarização está mais adiantado, pois o DVD entregue ao candidato é “separado por questões, pois é um dos nossos objetivos que o aluno tenha condições de ir e voltar às questões quando quiser, assim como o candidato que está com a prova, que pula questões e volta” (PC-UFSC). A sumarização facilita o deslocamento por toda a prova e confere ao candidato a liberdade de ir e voltar nas questões que lhe convêm, assim como o ouvinte que escolhe as questões que quer resolver primeiro.

Recursos visuais usados na videogravação em Libras

A exploração do visual por meio de imagens é um recurso fundamental na montagem e constituição das provas em Libras, pois marca a questão identitária da surdez como uma experiência visual (FERNANDES, 2008). Dada a importância da inserção de recursos visuais, alguns cuidados são necessários, como os que apontam a PC-UFSM: “Quanto ao uso de imagens, é necessário tomar muito cuidado, pois há a questão do espelhamento, por exemplo: em um mapa que você queira apontar para a Europa, é preciso se atentar para não errar e apontar para o lado errado”.

O uso de imagens na UFSM também serve para a otimização do tempo de sinalização da prova. Por exemplo, nas questões de verdadeiro ou falso, ao invés de o tradutor realizar

a sinalização “F-F-V-V-F”, as opções são postas na tela. “[...] pode parecer pouco relevante [a minimização do tempo] à primeira vista, porém, é válido lembrar que a redução temporal se torna bastante significativa, quando se considera a extensão da prova, que é composta por 150 questões” (ROCHA, 2015, p. 81).

Na UFSC, o processo de inserção das imagens também é explorado e é assim descrito pela PC-UFSC: “Quando as questões têm imagens, as imagens vão para a tela, combinada com o intérprete, quando o intérprete faz referência à imagem, porque a questão exige uma referência à imagem, a imagem é colocada ao lado do intérprete”.

Refletindo sobre o vestibular em Libras: pontos positivos e negativos

A prova videogravada em Libras confere aos candidatos surdos maior autonomia na realização do vestibular, sem depender de tradutores no dia do exame, que, às vezes, traduzem toda a prova, às vezes, somente alguns termos.

A PC-UFSC afirma que o vestibular em Libras “está começando a realmente criar condições de igualdade de ingresso para candidatos surdos nestas universidades”. Comenta, ainda, que agora os surdos começam a ser vistos na UFSC, pois, antes, poucos eram os que se arriscavam a fazer a prova, na verdade, “nenhum surdo fazia o vestibular, ninguém se arriscava a fazer um vestibular em áreas que não fossem específicas”.

Outro ponto ressaltado pela professora-coordenadora é que os surdos podem optar por qualquer curso e não somente o Letras-Libras⁷, assim, eles passam “a competir pelo curso que eles querem” (PC-UFSC). Porém, o ingresso efetivo de surdos na UFSC é baixo, e apontam para as lacunas deixadas pela educação básica já que durante todo o processo escolar o estudante “depende fundamentalmente da linguagem para promover a construção dos conhecimentos” (LACERDA; ALBRES; DRAGO, 2013, p. 68) e, nem sempre o acesso à língua está garantido. Além dos pontos ressaltados, a UFSM ainda destaca o bom amparo que, nesses anos de tradução do vestibular para a Libras, vêm recebendo por parte da Coperves: “[...] não adianta ter uma equipe de tradutores muito legal, fluentes em Libras e tal, se a instituição não fomenta isso” (PC-UFSM).

Com relação aos aspectos negativos, aponta a PC-UFSM que: “Essa escolha tradutória, que acho que seja o mais conflitante: faz a datilologia de ‘raio’, a circunferência e

⁷Nesse curso, o aluno estuda a língua, literatura e a cultura da comunidade dos surdos brasileiros e também, de outros países. Na modalidade licenciatura, o aluno poderá atuar como docente desde o ensino fundamental até a educação superior para ouvintes e, ainda, lecionar Libras como primeira língua para surdos. Na modalidade bacharelado, o curso forma tradutores e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa, atuando também, em todos os níveis de ensino. O curso teve início na UFSC, atualmente, se expandiu por várias regiões e cidades brasileiras, e nesta universidade, quando o curso é ofertado na modalidade a distância, a prova do vestibular é pensada e realizada em Libras.

coloco que é a metade daquele diâmetro? Primeiro quadrante, a gente indicava ele... não era uma indicação, mas, ao mesmo tempo era...”. Tal preocupação da professora-coordenadora com relação à tradução deve-se ao fato de que uma tradução mal feita ou com erros pode levar o candidato à reprova e a perda de todo um ano de estudos ou induzi-lo a resposta certa ou errada, além das escolhas habituais que devem ser feitas, concernentes aos sinais a serem usados, o que pode gerar, ainda, regionalismos na prova, privilegiando alguns candidatos e prejudicando outros.

Já para a PC-UFSC, o aspecto negativo deve-se à parte técnica, pois “é extremamente complexo o processo de tradução, envolver profissionais que façam a tradução, todo esse processo de edição, ele é moroso, leva tempo e exige um envolvimento muito grande, não é uma coisa trivial”. Assim como foi apontado pela PC-UFSC, a tradução e suas escolhas são sempre conflitivas, pois os erros devem ser mínimos para uma tradução de “excelência”.

Vale ressaltar ainda que o aspecto apresentado pela PC-UFSC: o “custo disso fica muito alto, por isso eu digo, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em Libras, com certeza a UFSC vai deixar de fazer a prova em Libras”. A videogravação da prova é um item a mais em que a comissão do vestibular tem que investir, cujo valor final é bastante alto (tradutores, processo de edição, revisão da prova e outros).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A videogravação de provas em Libras ainda é um processo pouco difundido e realizado no Brasil, cenário que vem mudando com a adoção desse processo de seleção por renomadas universidades federais, visando contemplar a diferença linguística do sujeito surdo.

Com a promulgação da Lei Federal 13.146/2015, esse cenário de traduções da língua portuguesa para a Libras tende a expandir-se ainda mais, pois ela obriga as instituições de ensino superior e de educação profissional e tecnológica, públicas e privadas, a realizar: “tradução completa do edital e de suas retificações em Libras” (BRASIL, 2015), o que tende a estimular as videograções também para as provas do vestibular.

A entrevista com as professoras-coordenadoras dos vestibulares nos fez vislumbrar o quão complexo é o processo de videogravação de provas e que, para a sua realização, é necessária uma equipe bem preparada, revisões constantes no material e, ainda, que a instituição fomente e acredite nos resultados deste trabalho, pois o custo é elevado e, requer investimentos, visando a acessibilidade de um grupo relativamente pequeno de surdos.

Ficou nítido nas entrevistas que a videogravação do vestibular em Libras, segundo as professoras-coordenadoras, é de suma importância e que a manutenção desse tipo de

prova confere aos candidatos autonomia e autogestão para sua realização, porém, sentem a necessidade de expansão desta para exames de larga escala como o Enem.

A videogravação de provas em Libras no Brasil é muito recente e ainda há muito o que se investigar sobre esse tema. Desejamos, assim, que muitas outras pesquisas possam ser realizadas sobre essa temática, ainda pouco discutida nas universidades, e que os resultados aqui apresentados sejam considerados para a elaboração de futuros vestibulares videogravados em Libras.

REFERÊNCIAS ⁱ

AFONSO, A. J.; ANTUNES, F. Educação, cidadania e competitividade: questões em torno de uma nova agenda. **Cad. Pesquisa**. São Paulo, SP. n. 113, jul. 2001. Disponível em: <https://goo.gl/jpsC4q>. Acesso em: 29 jan.2015.

BRAGA, A. GASTALDO, É. Variações sobre o uso do Skype na pesquisa empírica em comunicação: apontamentos metodológicos. **Revista Contracampo**. Niterói, RJ. v. 24, n. 1, p. 04-18, 2012.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF. 26 jun. 2014. Seção I, p. 1. Disponível em: <https://goo.gl/vsAZVm>. Acesso em: 12 dez. 2014.

_____. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 07 jul. 2015. Seção I, p. 2. Disponível em: <https://goo.gl/QfFY2n>. Acesso em: 20 jul. 2015.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Seção 1, p. 59. Disponível em: <https://goo.gl/Gv7dXQ>. Acesso em 28 ago. 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo, SP: Atlas, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE demográfico**. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 27 jul. 2014.

LACERDA, C. B. F. de. **A escola inclusiva para surdos**: refletindo sobre o intérprete de língua de sinais em sala de aula. 153 f. Roma, 2003. Relatório Científico de Pós-doutorado apresentado à FAPESP. Proc. 01/10256-5. 2003.

_____. **Intérprete de libras**: em atuação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Porto Alegre, RS: Mediação/FAPESP, 2009.

LACERDA, C. B. F.de; ALBRES, N. A.; DRAGO, S. L. S. Política para uma educação bilíngue e inclusiva a alunos surdos no município de São Paulo. **Educ. Pesqui.** São Paulo, SP. v. 39, n. 1, p. 65-80, mar. 2013. Disponível em: <https://goo.gl/ApRzbB>. Acesso em: 02 nov. 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Censo da educação superior**: 2013. Brasília, DF: MEC/Inep, 2013.

ROCHA, L. R. M. **O que dizem surdos e gestores sobre vestibulares em Libras para ingresso em universidades federais**. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal. 2015.

SATO, S. R. S. **Concurso vestibular**: um dispositivo meritocrático de seleção para ingressar na Universidade Federal de Santa Catarina. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM). **Edital do vestibular de 2014**. Santa Maria, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/5yctqe>. Acesso em: 07 mar. 2015.

ⁱ Revisão gramatical do texto sob a responsabilidade dos autores